

# O aprendizado dos neófitos

WALTER GOMES

Não será tão radical quanto alguns desejam, mas, sem dúvida, o Congresso Nacional, a partir da próxima legislatura, passará por um processo de reciclagem marcante, seja qual for sua equipe de comando. Há uma tendência generalizada nas duas Casas — Câmara dos Deputados e Senado — que garante essa mudança de rumo. O grito de alerta soou entre os que ganharam seu primeiro mandato, porém um grupo de veteranos já detectara a necessidade imperiosa de reestruturação do Parlamento e começará a articulação para garantir sua exequibilidade.

Na Câmara, muita coisa foi feita. A Mesa Diretora que se despede iniciou o trabalho de correção de erros graves, mas a mídia, às vezes perversamente, preferiu destacar equívocos e mal-entendidos. Deputados perderam seus mandatos, punidos pela severidade da Comissão Executiva, irredutível na exigência do comparecimento às sessões. Um parlamentar viu-se obrigado a renunciar porque estava na iminência de ser cassado sob a acusação comprovada de manuseio ilícito do dinheiro público. Em se tratando de honestidade dos seus dirigentes, a Câmara, como o Senado também, só tem de se orgulhar. O Poder Legislativo, tão criticado na sua ação política, é reconhecido como uma instituição beneficiada pelo comportamento digno dos que assumem seu comando. É o que a história registra para os pósteros.

Claro que essa ação é uma exigência ética, mas, num país de tanta gente esperta, grifá-la tem sua relevância. Não é por aí, por conseguinte, que a rebeldia se alimenta. A revolta se cristaliza na vontade da participação e da decisão. Estão bem claras as prerrogativas constitucionais do Congresso, mas há timidez da Casa para exercê-las na sua plenitude. É aí que se estabelece o fosso di-

visório, marcado, principalmente, por um Regimento Interno que dá todo o poder à Mesa Diretora e ao colégio de líderes. Parece até que legalmente existam deputados de primeira e de segunda classes, o que só ocorre — é verdade — no exercício, eficiente ou não, do mandato parlamentar.

Contra a ditadura da cúpula, processa-se uma reação em cadeia. Recomenda-se calma, todavia. Só o entusiasmo não levará a nada. É natural que os neófitos estejam ansiosos e, até mesmo, deslumbrados. Será conveniente que se juntem aos veteranos reformistas para aprenderem as primeiras lições. A Câmara dos Deputados não é uma associação estudantil, onde é possível se ganhar no grito. Antes de mais nada, os novos precisam aprender a andar com os próprios pés, mas, como uma criança, terá, inicialmente, de engatinhar.

A Casa é complexa. Aparentemente, esconde mistérios aos iniciantes, confunde-os, perturba-os e, às vezes, amedronta-os. Mais sábio é percorrer seus meandros com prudência e paciência. Assim assimilarão mais facilmente as lições que os colegas de jornadas anteriores terão condições de ministrar. No Parlamento, só há ingênuos na aparência. Quase todos os seus membros têm doutorado e mestrado em esperteza. Ninguém chegou ali aleatoriamente. Aos poucos, os que estão chegando, se souberem administrar suas ambições, terão direito aos títulos de doutores e mestres.

É, também, importante advertir os aprendizes: a tribuna é uma ilusão e, o plenário, um desencanto. Nos bastidores, é onde se esconde o poder real. Para chegar a ele todos terão de exercer, preliminarmente, o papel de coadjuvante. Importante é saber escolher o enredo e as estrelas principais do filme, que depois será julgado por espectadores atentos e críticos.

CORREIO BRAZILIENSE 19 JAN 1991